



# Vieira e a Origem da Igreja de São João

Monsenhor Leal

A primitiva igreja de São João Batista, em Belém, foi construída em 1622, dentro da mata, no mesmo local em que se encontra a de hoje.

Seus freqüentadores abriram caminho até a margem do rio e nasceu a quarta rua de Belém, sem calçadas nem calçamento que só começou a aparecer no ano de 1757, com pedra de grês ferruginoso. Era a rua de São João Batista, atual Tomázia Perdigão, seccionada por uma das faces do Largo do Palácio.

Foi a segunda igreja de Belém porque a dos Frades Capuchos, no Una, em 1617, estava muito fora da cidade; teve vida efêmera, em virtude de sua transferência, em 1627, para o local em que se encontra, à praça Dom Macedo Costa. (AI-VI-247).

Os frades Carmelitas só chegaram a Belém em 1626; os Mercedarios, em 1639 e os Jesuítas, em 1653. (AB-V-34).

Na sobrevivência de quase três e meio séculos, a igreja de São João Batista avulta sobranceira, numa perenidade famosa em que polariza importantes acontecimentos históricos de nossa vida cidadina, além dos fatos comuns que, à volta da igreja, ainda hoje, podem ser focalizados como expressão do povo a caminho de seus destinos.

É, portanto, inesgotável o assunto da igreja ou por causa dela, à simples observação hodierna ou diligente perquirição histórica.

Dando origem à abertura de uma rua, a construção da igreja por ordem do capitão-mor Bento Maciel Parente, satisfez um pedido dos colonos portugueses saudosos da pátria. A aproximação do mês de junho despertou-lhes a recordação das danças do "vira-que-vira" e do perfume do mangerico com as alegrias profetizadas no Evangelho para o dia natalício do precursor de Jesus Cristo, a 24 de junho.

Os portugueses promoveram a festa e os índios aderiram a ela com entusiasmo porque tinham o costume de celebrar, na lua de junho, o fim do inverno e começo da primavera. E assim, os dilatadores da Fé e do Império cristianizaram uma festa pagã dos selvagens.

\* Este texto (p.7, 8, 9 e 10) faz parte do livro "História de uma Igreja e Cercanias", de 1969, impresso na Gráfica Falângola Editora Ltda., Rua Osvaldo Cruz, 73, Belém-PA

Tanto era época festiva aos indígenas, que foi para o dia 24 de junho de 1659 que os Nheengaíbas marcaram a recepção amigável ao Pe. Vieira, em Marajó, embora ele só tivesse ido lá a 16 de agosto, porque, da visita que fez ao Rio Amazonas, voltou em tal estado de saúde que, no dia do Corpo de Deus, em princípio de junho, comungou por Viatico. (CV-84 e 86).

Há quem imagine aquela primeira festa de São João em Belém, em 1622, sentindo o cheiro das comidas indígenas e portuguesas preparadas nas fogueiras que iluminavam o arraial, queimando resinas odoríferas, o “cheiro cheiroso” que lembrava o altar dos perfumes onde Zacarias foi avisado misteriosamente acerca do nascimento de João Batista.

Nas mesmas fogueiras foram celebrados os primeiros parentescos sob a égide do “São João disse e São Pedro confirmou que havíamos de ser...”

Naquele dia e naquela igreja, tiveram início as festas joaninas que o Pará inteiro celebra como parte integrante de sua vida social e religiosa.

O pretexto para o levantamento da igreja foi ter-se o vigário negado a celebrar a festa do Santo na única igreja então existente, a de Nossa Senhora da Graça. Razão humana para a realização dos desígnios de Deus que abençoava a terra com o nome do mistério do Natal de Jesus, no Forte do Presépio, a Cidade de Santa Maria de Belém, como a chama Domingos Antonio Raiol, Barão de Guajará, “o decano dos que no Pará se dedicam ao estudo das coisas pátrias”. (AB-II-118 e 182).

Erguida uma igreja, a primeira, em louvor da Virgem Mãe de Jesus, Senhora da Graça, não podia deixar de haver uma outra que lembrasse o santo percursos do Messias.

E assim, foi construída a igreja de São João Batista.

## **Destino Famoso**

A primeira igreja de São João Batista, em Belém, era de taipa, tipo de construção que se vê ainda nos arrabaldes da cidade. Consiste em espaçados esteios grossos, atravessados por ripas de madeira, interior e exteriormente, formando encaixe a bolões de barro argamassado que, superpostos, fazem a parede chamada de taipa de mão ou de sopapo ou de mão de pilão.

Embora frágil de construção, a igreja teve, em meados de seu primeiro século de existência, precisamente a 17 de julho de 1661, um destino famoso que foi o de servir de presídio para o padre Antonio Vieira.

Viajava ele para o Maranhão quando soube da sedição lá havida contra os jesuítas e deixou-se ficar na ilha do Cumã, naquele Estado, voltando depois ao Gurupí e finalmente a Belém, no temor de que os índios fugissem para as selvas, ao saberem da perseguição aos padres, seus protetores.

O motivo da animosidade contra os jesuítas era porque eles impediam que os colonos escravizassem os índios, conforme depoimento do mesmo padre, em carta ao rei D. João IV, a 8 de agosto de 1655, dizendo “haver índios irmãos, sendo uns livres e outros escravos porque aqueles trazidos pelos padres e estes, por oficiais das tropas”. (C.V. - 74).



Menos de um mês depois de chegado a Belém, há sublevação idêntica no Pará, com assalto ao colégio onde os Jesuítas ficaram em custódia, e Vieira, por ser o chefe da Missão, foi conduzido à igreja de São João, entre apupos e remoques, com perguntas de que lhe servira sua sabedoria.

Aconteceu com ele o que, em carta ao Rei, a 22 de maio de 1661, relatara acerca dos companheiros do Maranhão que foram “arrancados violentamente do claustro e levados presos entre belinguns e espadas nuas pelas vias públicas e aferrolhados e com guardas, até os desterrarem”.

Na igreja de São João deixaram-no só, sem a mais comensinha assistência e teria sofrido fome se não fosse a coragem de uma índia chamada Mariana Pinto que, por iniciativa própria, arrostando ameaças dos soldados à volta da igreja, levava comida para o prisioneiro. E com tal resolução que, ao ameaçarem incendiar-lhe a casa se voltasse a socorrer Vieira, respondeu que, nas brasas da casa ardente, cozinhará a comida do padre.

Essa mulher foi agraciada pelo Superior Geral dos Jesuítas com o título de Irmã, que lhe deu direito a participar de todos os benefícios concedidos à Ordem, inclusive sepultamento na igreja deles. Deve estar inumada na igreja de Santo Alexandre. (A.V. – I – 344/347).

E, assim, a ignominia de que foi palco a igreja de São João Batista deu motivo a uma epopéia cuja heroína lembra aquela outra que arrostou a soldadesca para limpar o suor e o sangue do rosto de Jesus Cristo, no caminho do Calvário.

Ambas tiveram a consagração da História.

Meses depois, fazendo o Sermão da Epifania, na Capela Real de Lisboa, a 6 de janeiro de 1662, Vieira referiu-se à perseguição que sofrera no Pará, dizendo que “o demônio soprara este incêndio entre as palhas de quatro choupanas com o nome de Cidade de Belém”. (A.V. – I – 355).